



AS DIABÓLICAS TENTAÇÕES VIRTUAIS QUE PERPASSAM O SAGRADO

Claudia Chaves Fonseca¹

Cândida Emília Borges Lemos²

Resumo

O artigo apresenta uma reflexão sobre a relação com as tecnologias virtuais para um grupo de alunos universitários do curso noturno de Sistemas de Informação. Ao redigirem uma redação sobre o tema, a título de avaliação da disciplina Leitura e Produção de Texto, os alunos expressaram uma confusão ou até mesmo desconhecimento do conceito de tecnologia em geral, dos dispositivos comunicacionais e suas diversas formas de uso e de apropriação. É interessante constatar que todos os alunos estão no mercado de trabalho, o que pode indicar uma relação acrítica com os dispositivos virtuais. Prevalece, nas redações, o discurso mercadológico das empresas de tecnologia, bem como o uso excessivo de clichês e estereótipos sobre o virtual.

Palavras-chave: Tecnologia virtual. Ciberespaço. Razão sensível. Heterotopias. Realidade Social.

Introdução

Este artigo tem como origem os estudos sobre a relação entre tecnologia, comunicação e sociabilidade realizadas pelo Grupo de Pesquisa em Comunicação do Instituto de Comunicação e Artes do Centro Universitário UNA. Uma das questões que surgiram durante os debates do grupo foi como os estudantes universitários, em especial aqueles matriculados em cursos da área tecnológica, relacionam-se com seu próprio objeto de estudo. Como uma das professoras participantes é também docente em outras áreas da instituição, como no curso

¹ Doutoranda em Educação (PUC Minas), Mestre em Comunicação (UFMG), Graduada em Comunicação Social – Jornalismo (UFMG); professora assistente dos cursos de Jornalismo e Publicidade (Centro Universitário UNA). Integra o Grupo de Pesquisa Produção Criativa em Comunicação do Instituto de Comunicação e Artes da UNA cadastrado no CNPq (2014). claudia.c.fonseca@prof.una.br

² Doutora em História (Universidade do Porto, Portugal), Mestre em Ciência Política (UFMG), Graduada Jornalismo (PUC Minas); professora-adjunta dos cursos de Jornalismo e Publicidade (Centro Universitário UNA). Integra o Grupo de Pesquisa Produção Criativa em Comunicação do Instituto de Comunicação e Artes da UNA cadastrado no CNPq (2014). candida.lemos@prof.una.br

V COMcult

o que custa o virtual?

de Sistemas de Informação (SI) no campus Linha Verde, situado no vetor norte de Belo Horizonte, decidiu-se analisar a produção textual de um grupo de alunos deste curso para a disciplina Leitura e Produção de Textos. O curso é noturno e a maioria dos estudantes paga a mensalidade por meio do FIES do Governo Federal e alguns são beneficiários do Pró-UNI. Todos eles estão inseridos no mercado de trabalho. A região onde o campus está localizado é a que detém o menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da cidade de Belo Horizonte: 0,787.

Foi solicitado, como avaliação final desta disciplina que alunos matriculados nos módulos 1 A e 1B redigissem um texto dissertativo-argumentativo, com três parágrafos, no qual se posicionassem a respeito do tema *Nós e a tecnologia: A Construção de um Ciberespaço e a sua Relação com o Real*. Esse tema é também o título de um texto-base distribuído aos alunos, adaptado pela professora de um artigo dos autores André Betts, Daniel Kveller, Marcelo Ricardo e Tiago Calza (2014):

Com a evolução exponencial de novas tecnologias, o homem tem mudado seu modo de vida de uma forma tão veloz como nunca se viu antes na história. O desenvolvimento tecnológico e as mudanças trazidas com ele no último século foram maiores do que todas as mudanças ocorridas nos milênios de existência da história do homem. Isso faz com que lidemos com o mundo de uma forma totalmente diferenciada, assim como é diferenciada a forma com que somos constituídos em relação a ele. Isso nos coloca em uma posição ambígua: será que estamos vivendo o real? Ou o virtual? Ou os dois? Afinal, o que é o real e o virtual? É muito complicado fazer uma separação entre os dois, e isso pode fazer com que seja muito complicado também uma dissociação das informações contidas em um campo e outro. Aquela identidade virtual assumida pelo usuário passa a se tornar uma parte do real também. Afinal, quem eu sou? O que está aqui em frente ao computador ou o que está se relacionando com diversas pessoas pela rede? Essas pessoas com que me relaciono são elas mesmas ou são a identidade virtual delas? Vemos acontecer um processo de fusão do campo real com o cibernético, também a ocorrência de um mesmo processo de (con)fusão de identidades. É nesse ponto que também podemos levantar a questão: em que mundo, em que espaço queremos viver? Mesmo com a confusão de mundos, ainda é possível fazer a escolha sobre a nossa identidade, com a criação ou não de uma identidade virtual. Serei eu ou o meu “avatar”? Viverei a dura realidade ou as facilidades da rede? Está dada a opção, a escolha é de cada um. Mas, será que há escolha?

Foram escritas 35 redações que, depois de avaliadas, constituíram o *corpus* para análise. O enunciado esclarecia que o texto devia apresentar uma tese relacionada ao tema,

V COMcult

o que custa o virtual?

argumentos para sustentá-la, e uma conclusão com uma solução para o problema ou uma proposta de intervenção.

Para o estudo que deu origem a este artigo, realizou-se a análise de conteúdo das redações, na qual se levou em consideração tanto o título quanto o texto. Após uma leitura inicial, para preservar a identidade dos autores, as redações foram numeradas em ordem crescente, de 1 a 35. Em seguida, os títulos foram analisados em separado e, em seguida, novamente analisados junto com o texto propriamente dito.

Informação, conhecimento e ação

A produção de conhecimento nas sociedades contemporâneas assume complexas particularidades, pois em tempos de uso intensivo de tecnologia no cotidiano de produção e circulação de mercadorias, entre estas os bens simbólicos, uma vez que “depende mais do uso da tecnologia do que da tecnologia em si” (WACHHOLZ, 2014, p. 49). Portanto, para a utilização da tecnologia para fins de se criar e difundir conhecimentos e informações, alguns aspectos são imperativos, tais como o cultivo de competências, a produção de conteúdo relevante e a criação de um ambiente de apoio que “combine liderança, planejamento e ação com o devido monitoramento e avaliação” (2014, p. 49).

No contexto global de profundas desigualdades, inclusive no tocante à utilização de bens tecnológicos para a comunicação, o coordenador para o acompanhamento e a implementação da Cúpula Mundial sobre da Sociedade da Informação da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), Cédric Wachholz, perfilam-se três níveis de desafios: desigualdades no acesso e na participação e compartilhamento de conhecimento; o desafio de que transformar “informação” em “conhecimento”, “há necessidade de ambientes de apoio mais fortes, bem como de melhorias na elaboração de políticas públicas”. (2014, p. 50).

No Brasil, o acesso à Internet em domicílio chegou a 49.4 % da população acima de 10 anos de idade em 2013 (BARRUCHO, 2015). Deste universo, 41% das pessoas se conectam à Internet apenas por meio de dispositivos como *celular e tablet*. Um grande salto nestes dados foi em relação à utilização da banda larga para o acesso, pois, em 2013, 97,7% dos conectados o fizeram com a utilização de banca larga, por meios não discados, como linha

V COMcult

o que custa o virtual?

telefônica, TV por assinatura, rádio, fibra óptica e pela rede de telefonia móvel. Esta última, por sua vez, é utilizada por 75% da população brasileira, de acordo com o levantamento do IBGE.

Os dispositivos tecnológicos, na segunda década do século XXI, acoplaram aos nossos corpos. São pequenos, leves, alguns até anatômicos e nos acompanham em quase todos os momentos do viver. Estão além do que Marshall McLuhan havia profetizado há 50 anos: a tecnologia como extensão do homem. Grudaram nas peles como tatuagens. Suas imagens e os símbolos que emergem das pequenas telas passaram a compor as cenas reais. São trocas simbólicas idas e vidas em *bites* que alimentam o cotidiano dos que constroem materialmente as riquezas a serem partilhadas desigualmente.

O mundo virtual desenhado na internet por meio de aplicativos vislumbra-se na queda de distâncias, pois estas não mais existem em um mundo conectado. No moderno século XX, o componente espacial referenciava o homem. Entretanto, já nas últimas décadas do século XX, Foucault já introduzia o conceito de heterotopias que são definidas como “espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis” (2001 [1984], p. 415).

“As heterotopias possuem capacidade de colocar sob um mesmo espaço real outros espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis” (IDEM, p. 418). Os mundos virtual e real em que está imbricada a vida na internet, em suas várias plataformas e aplicativos, como nos *smartphones*, são percebidos como uma heterotopia. Talvez, esta se assemelhe à metáfora foucaultiana de que um barco seja, em essência, uma heterotopia, pois “é um espaço flutuante, um lugar sem lugar, que vive por si mesmo, que é fechado em si mesmo lançado ao infinito do mar” (Idem, p. 422).

Ao comentar o conceito platônico de utopia, Jacques Rancière avalia que esta é definida como “o não lugar” e, ao mesmo tempo, “um bom lugar, de uma partilha não polêmica do universo sensível, onde o que se faz, se vê e se diz se ajustam exatamente” (2005, p. 61). No hiato entre as palavras e as coisas, o imaginado e o vivido, Rancière acredita que a utopia não explica os universos do sensível e da prática. Portanto, talvez as heterotopias concebidas como “‘ficções’ da arte e da política” (IBIDEM, p. 62), fossem mais apropriadas para se compreender as vivências do mundo. Nelas, as divisões do narrar a história de que

V COMcult

o que custa o virtual?

falava Aristóteles, a saber, a dos historiadores e dos poetas se fundem e, assim, “o testemunho e a ficção pertencem a um mesmo regime de verdade, de regime de mostraçã de sua necessidade”. (IBIDEM, p. 57). Os tempos atuais são conceituados pelo autor como a era da estética e nela foram criados modelos de percepção e compreensão do mundo nos quais “se tornam indefinidas a fronteira entre razão dos fatos e razão das ficções, e que esses modos de conexão foram retomados pelos historiadores e analistas da realidade social” (p. 58).

Por seu turno, as heterotopias foucaultianas são percebidas como “espaços de alteridades que não estão nem aqui nem lá, que são simultaneamente físicos e mentais, tais como o espaço de uma chamada telefônica ou o momento em que alguém se vê no espelho”. Por conseguinte, podem ser múltiplo espaços e incompatíveis.

À luz deste conceito, percebe-se aqui a Internet, em particular, as redes sociais que nela pululam como heterotopias, pois estas flutuam aquém e além do real. Estas são assimiladas pelo senso comum das comunidades reais como antagônicas ao *homo faber*. Portanto, como espaços incompatíveis.

Nestas heterotopias das mídias virtuais não há o fim dos lugares. Porém, as indicações de presença em determinado lugar ganham novas especificidades. Como observa André Lemos (2009), as mobilidades física e informacional não significam, necessariamente, “o desaparecimento da dimensão espacial em sua materialidade e suas dimensões sociais, políticas, econômicas”. Porém, “criam novos sentidos dos lugares” (Op. Cit.). O estágio atual da internet das coisas vislumbra dimensões “físicas e simbólicas, econômicas e políticas” (Op. Cit., p. 92).

Fragmentos e junções

A concepção de Jacques Rancière sobre a partilha do sensível diz respeito a um mundo comum no qual há atos que se entrecruzam na produção de sentidos. Mais além, o autor aponta para a tensão existente para se estabelecer “as maneiras de ser e das ‘ocupações num espaço de possíveis”, ou em outros termos, entre “o ordinário do trabalho e a excepcionalidade artística”, numa clara referência à Grécia Clássica e os ensinamentos de Platão (2005, p. 63). Trata-se da partilha entre o *homo faber* e o *homem politicus*. O que está

V COMcult

o que custa o virtual?

em jogo é a partilha entre os que “têm acesso a uma totalização da experiência vivida e as classes selvagens, afundadas nas fragmentações do trabalho e da experiência sensível”.

Em nossa mais alta modernidade, na qual ficção e realidade aparentemente estão em simbiose, o cotidiano e as entranhas da convivência e as suas partilhas estão ainda a desenhar um novo tipo social, o batalhador, a nova classe trabalhadora. No Brasil dos últimos 15 anos, mais de 40 milhões ascenderam socialmente e muitos passaram a ter acesso ao sistema de ensino. Estas pessoas são percebidas como o batalhador, que se caracteriza pela “inclinação para a autossuperação” (SOUZA, 2004, citado por DUNKER, 2015, p. 90).

O batalhador, de acordo com Christian Dunker, reveste-se de senso de sacrifício para a projeção social e ascensão social. Neste contexto, a base deste sacrifício finca-se “na disciplina da poupança e de economia integrada a uma visão negocial da vida capaz de gerar um permanente sentido de orientação para o futuro” (2015, p. 91). Esta determinação implica o “adiamento da satisfação para o futuro” (IBIDEM). Estão imbricados aqui o senso de lealdade e solidariedade e a vivência da família como unidade de produção compartilhada. O ambiente familiar, assim, deve simbolizar o reino da positividade, do exemplo a ser seguido por todos os integrantes. Dunker ressalta que não se trata mais do conceito da família tradicional, com seu sentido de hierarquia e centralização “em torno da figura do pai como ponto de convergência entre o poder econômico e a força moral” (Op. Cit.)

Dunker elenca novas narrativas de sofrimento e novos sintomas que, em princípio, estariam pautadas pelo exagero ou pela supressão das disposições psíquicas associadas às mudanças e alterações do viver. Na primeira delas, está a desarticulação da gramática do sacrifício: “Gratidão sem fim, privações autoimpostas e masoquismo moral são efeitos clínicos dessa espécie de gramática do sacrifício que se torna mimese perfeita de estratégias de reconhecimento e demanda” (Op. Cit., p. 91).

O segundo tipo de temor que assombra o novo trabalhador brasileiro são as patologias do consumo ou sua “inevitável associação com a aparição de um objeto intruso” (p. 91), como drogas e más companhias, ou seja, tudo aquilo que possa desviar o batalhador da rota de seu alvo maior, a ascensão.

Na terceira vertente do sofrimento do batalhador está a tentativa de “articulação simbólica entre suas origens e sua atual posição social” (p. 91):

V COMcult

o que custa o virtual?

É a insegurança sistêmica de que, assim como o triunfo se fez por vias e regras que não se sabe esclarecer, um grande fracasso e um retorno dramático podem ocorrer, a qualquer momento, pela concorrência das mesmas razões ignoradas. O esforço para sonhar, desejar e imaginar novos futuros depende da consolidação simbólica das realizações passadas. A ausência desta articulação pode se apresentar com sentimento permanente de uma ‘vida postiça’, de um ‘sucesso inautêntico’ (DUNKER, 2015, p. 93).

Já a quarta narrativa do sofrimento apresentada pelo autor diz respeito às patologias da imagem que o batalhador tem de si. Ao autor, isto pode se apresentar “sob a forma de reificação de uma forma de vida cujo protótipo são as figuras da adolescência: indeterminação de destino, crise permanente da identidade, sentimento de inadequação do próprio corpo, orientação sexual-amorosa como instrumento de reconhecimento coletivo [...] Esse processo frequentemente parasita outras narrativas disponíveis na cultura, tais como a erotização da infância, a retórica da ‘vida em estilo total’ e as disciplinas de controle e descontrole” (p. 93).

Mundos antagônicos

De acordo com Fonseca Jr. (2005, p.284), o procedimento denominado análise de conteúdo baseia-se na produção de inferências por parte do pesquisador, focando a atenção nos mecanismos subjacentes da mensagem que não podem ser observados: “a inferência é considerada uma operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem analisada.”

Das 35 redações analisadas, 29 foram intituladas pelos autores. A presença do título é importante, como indicador da capacidade de síntese do estudante, bem como estratégia de apresentação ao leitor do que será exposto, ou seja, funciona como um dos aspectos iniciais do pacto de leitura que se vai estabelecendo entre autor e leitor.

Apenas 6 (seis) dos 29 títulos possuíam verbo, como por exemplo, o da redação de n. 17 Estamos Verdaderamente Conectados? e o da redação de n. 11 Real ou Não, a Tecnologia está aqui! A função do verbo, nos títulos, é apontar a dinamicidade, a dimensão processual do tema. Observamos, no entanto, a partir desses exemplos, que os verbos escolhidos são os chamados “verbos de ligação”, que não indicam ação, mas a ligação entre dois termos. A escolha dos alunos pelos verbos de ligação é significativa, uma vez que confirmam seu

V COMcult

o que custa o virtual?

pensamento sobre os fenômenos descritos, como será exposto adiante. Os 23 restantes foram elaborados com substantivos, adjetivos ou advérbios.

É interessante observar, ainda a respeito dos títulos, que alguns deles são títulos anafóricos, ou seja, “são aqueles que instituem um presente atemporal – o presente da informação – que é independente da temporalidade histórica” (MOILLAUD, 1997, p. 109). Tomando como exemplo o título A Nuvem (redação n.10) ou O Real e o Virtual (redação n.32) podemos pensar, como nos é sugerido por Moillaud (1997, p.109), que esse tipo de título apresenta ao leitor uma temporalidade que não coincide com o tempo do calendário, de modo que o evento ou acontecimento enunciado (ou “prometido”) pela frase fica atualizado em nossa percepção, mas com temporalidade própria, numa espécie de presentificação do acontecido. De acordo com Moillaud (1997, p. 110) “aquilo que os tempos anafóricos desenvolvem é um presente no qual é necessário, sobretudo, ver um índice de presença, e não uma marca de temporalidade.”

Convém registrar que, como não se tratam de textos jornalísticos, os títulos das redações não teriam necessariamente a obrigação de se referirem ao tempo presente e, se em alguma medida o fazem, é porque no desenvolvimento dos argumentos os textos é sugerida certa presentificação do fenômeno tratado.

Em termos de frequência, as palavras que mais aparecem nos títulos das redações analisadas são, em ordem decrescente: real (ou realidade), com 7 (sete) menções; tecnológico (ou tecnologia), com 6 (seis) menções; virtual, com 5 (cinco) menções e ciberespaço, com 3 (menções), em conformidade com o tema proposto. 7(sete) títulos sugerem oposição entre dois termos, utilizando conectivos como “ou” ou “versus”. 3 (três) títulos terminam com ponto de interrogação e 1(um) com ponto de exclamação.

Na análise dos textos propriamente ditos, observa-se que em geral eles são iniciados com a descrição das vantagens da tecnologia e de seu uso. Considera-se, na totalidade dos casos (35 redações), que tecnologia é sinônimo de tecnologia da comunicação, fazendo alguma confusão entre os aparelhos e os serviços por eles prestados: celular, tablet, computador, internet, mídia social.

São citadas como vantagens, a rapidez da informação, a facilidade do acesso, a comodidade e conveniência (para pagar contas, buscar emprego, fazer cursos a distância,

V COMcult

o que custa o virtual?

fazer pesquisas, etc.), a possibilidade de socialização e interação com pessoas que estão fisicamente distantes, a redução do uso de papel, entre outros fatores. Tais vantagens são percebidas como inexoráveis, como atesta o autor da redação n.7, quando afirma que “Tudo está dominado pela tecnologia, o homem diz-se (sic) não viver sem ela, já faz parte do cotidiano.” O colega autor da redação n.11 concorda: “Enfim, fugir disso é inevitável, qualquer assunto que abordaremos irá chegar a algum tipo de tecnologia virtual, nem que seja no mínimo detalhe, acabar com isso também seria impossível (...)”. E o autor da redação n.30 encerra seu texto dizendo que “(...) observamos que a tecnologia se tornou um caminho sem volta. Não retrocederemos, que por hora é vantajoso, por outra (sic) vem se tornando cada dia mais desastroso.”

As citações nos levam a pensar que o estudante de Sistema de Informação, nos textos pesquisados, não consegue elaborar uma argumentação mais crítica, ou pelo menos mais reflexiva, sobre a realidade em que irá atuar. Até os títulos das redações, como já foi visto, mostram uma certeza da inevitabilidade e do não-retorno daquilo que é concebido como supremacia tecnológica. A percepção de tecnologia dos estudantes, associada às possibilidades pós-internet, é aquela propagada pela indústria da informação, que afirma e reafirma o caráter participativo e democrático daquilo que fabrica e vende.

Por outro lado, e em aparente contradição com a primeira parte das redações, os textos prosseguem elencando as desvantagens do uso da tecnologia. A partir do texto-base recebido, que tem como ideia central a questão das construções identitárias diante da realidade tecnológica, os estudantes citaram como aspectos negativos tanto aspectos sociais, como o abandono dos contatos interpessoais; aspectos psicológicos, como o adoecimento, a sensação de solidão, a frieza e a indiferença; até chegar a aspectos legais, como o incentivo à criminalidade (pedofilia, fraudes de variados tipos, etc.)

Ressalta nos textos a oposição, frequentemente feita, entre o mundo real e o mundo virtual. Na redação n. 21, o aluno escreve que “pessoas estão cada vez mais viciadas nos *smartphones* e esquecidas do mundo real. Esquecem-se das coisas ao seu redor para trocar pelo mundo virtual.” Para os estudantes do curso de Sistema de Informação, estas são duas realidades distintas, que não se aproximam. O mundo dito real é associado aos contatos interpessoais, à autenticidade e à generosidade dos propósitos e intenções, ou seja, é colocado

V COMcult

o que custa o virtual?

como polo positivo. Ao mundo virtual é atribuído o polo negativo da relação, isto é, seria o lugar da distorção, da fraude, da degradação, do crime e até da “escravização” da mente humana.

Esta percepção vai ao encontro da abordagem de Dunker sobre os valores do ideal tipo do “batalhador” brasileiro, no sentido de rejeição a qualquer aspecto do mundo em sua vivência que possa atrapalhar e frear a sua meta de ascensão social. No tema em questão, a Internet, em particular, as redes sociais, que estão no entendimento dele associadas ao universo do lazer e do prazer, poderia ser um elemento de risco, o “objeto intruso” do qual detecta Dunker. Por outro lado, o sacrifício para se atingir a meta não aceita desvios e as redes sociais virtuais poderiam ser um desvio da rota. A contradição estabelecida pelos estudantes entre o convívio familiar o surfar pelas redes virtuais e o prazer proporcionado pela segunda poderia afastá-lo da unidade primeira casa-se à análise de Dunker, a respeito da importância que a família tem para a nova classe trabalhadora.

Em relação à última parte da redação, em que é solicitado ao aluno que apresente conclusão com uma solução de problema ou proposta de intervenção, alguns alunos arriscaram-se a fazê-lo, mas o fizeram de forma genérica, sem detalhar a implementação. Em quase todas as redações, foi utilizado um tom moralista, de apelo convocatório para que as pessoas escolham viver no mundo “real”. Alguns sugerem que os mais aficionados procurem ajuda especializada com psicólogos e terapeutas. Apenas um único aluno, da redação n. 24, propõe que as pessoas desconectem-se de seus celulares alguns minutos por dia.

Considerações Finais

O estudo das redações escritas por estudantes do curso de graduação em Sistema de Informação nos sugere algumas considerações educacionais e comunicacionais: no âmbito da formação universitária. Pelo nível deficiente da argumentação construída, percebe-se também a importância de incrementar as disciplinas de formação geral, como História e Sociologia, já que os textos são baseados em lugares-comuns e frases feitas, o que é preocupante para alunos que irão atuar profissionalmente na área.

No que diz respeito à comunicação, os textos apresentam uma confusão ou até mesmo desconhecimento do conceito de tecnologia em geral, os dispositivos comunicacionais e suas

V COMcult

o que custa o virtual?

diversas formas de uso e de apropriação. Os textos são construídos com base em ideias contraditórias e falsas oposições, entre real e virtual, identidade real e identidade fraudulenta, entre outros. Os alunos não conseguem articular a complexidade dos aspectos envolvidos na questão, tendendo a repetir o que geralmente é veiculado pelos serviços de marketing das empresas.

Referências

- BARRUCHO, Luís Guilherme. IBGE: Metade dos brasileiros estão conectados à internet; Norte lidera em acesso por celular. São Paulo: **BBC Brasil**.
http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150429_divulgacao_pnad_ibge_lgb. Acesso em 7 ago. 2015.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**. São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2015.
- DINIZ, Vagner; CÓRDOV, Yasodara. De dados abertos à internet das coisas: a *web* de tudo. P. 57-67. In: **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação no Brasil** [livro eletrônico]: TIC domicílios e empresas 2013/ [coord. executiva e editorial / executive and editorial coordination, Alexandre F. Barbosa ; trad. / translation DB Comunicação]. --São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2014.6,7 Mb; PDF. Edição bilíngue: português/inglês. ISBN 978-85-60062-82-9.
- FONSECA Jr., Wilson. Análise de Conteúdo. IN: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo, Atlas, 2005.
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: _____. **Ditos e escritos III**. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001. p. 411-422.
- LEMOS, André . Arte e mídia locativa no Brasil. In: LEMOS, André; JOSGRILBERG, Fábio (Org.) **Comunicação e Mobilidade**: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009. P. 89-108.
- MOILLAUD, Maurice e PORTO, Sérgio (org.) **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília, Paralelo 15, 1997.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do Sensível** – Estética e política. 2ª Ed. São Paulo: Exo Experimental, 2008 [2005].
- WACHHOLZ, Cédric. Rumo às sociedades do conhecimento inclusivas: onde nos encontramos hoje? A mediação dos avanços concretizados desde a Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação. P. 47-57. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação no Brasil** [livro eletrônico]: TIC domicílios e empresas 2013. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2014.6,7 Mb; PDF. Edição bilíngue: português/inglês. ISBN 978-85-60062-82-9.

V  **COM** **cult**

o que custa o virtual?